

MODERNIZAÇÃO, MÍDIA E AGROECOLOGIA: CORRELAÇÃO E (RE) EXISTÊNCIA CAMPONESA NO OESTE PARANAENSE E AGRESTE PERNAMBUCANO (1990-2009)¹

Marli Terezinha Szumilo Schlosser²

INTRODUÇÃO

O ponto de partida visa indicar a proposta de pesquisa que envolve o pós-doutorado (em andamento), sobre a modernização, mídia, fronteira agrícola e (re) existência camponesa no Oeste do Paraná e Agreste de Pernambuco, de 1990-2009. No estudo em questão, também, objetiva-se analisar a construção/mediação discursiva presente na programação da Rádio Difusora do Paraná, no processo de modernização, especialização e diversificação agrícola, especificamente, os contradiscursos ou outros discursos favoráveis ao cultivo orgânico. Portanto, estabeleceu-se contato com a produção científica de pesquisadores que estudam o Agreste Pernambucano. Foram realizadas entrevistas temáticas, em especial sobre o cultivo de orgânicos em Brejo de Altitude, na Comunidade de São Severino de Gravatá.

O objeto da correlação do estudo deter-se-á, de modo particular, sobre a Fundação da Associação AMA Terra de Gravatá - Associação de Agricultores e Agricultoras de Orgânicos de Gravatá. A mesma, localiza-se em São Severino, comunidade de Gravatá. O estudo comparativo da modernização e diversificação agrícola, no Agreste pernambucano e Oeste paranaense, requer, ainda que de modo preliminar, a delimitação e caracterização das áreas. A região Agreste é intermediária entre a zona da Mata e o Sertão. A característica em destaque desta região é a economia diferenciada com o cultivo da mandioca, feijão, milho, hortaliças, frutas e a pecuária leiteira e de corte. O Agreste é dividido em seis microrregiões: Vale do Ipanema, Vale do Ipojuca, Alto Capibaribe, Médio Capibaribe, Garanhuns e Brejo Pernambucano. A delimitação para estabelecer a comparação envolverá o município de Marechal Cândido Rondon, no Extremo Oeste do Estado do Paraná e o Município de Gravatá, situado na microrregião do Vale do Ipojuca, em Pernambuco. Em Gravatá cultivam-se hortaliças orgânicas e pecuária (bovinos e caprinos). Na comunidade de São Severino de Gravatá os agricultores orgânicos cultivam verduras e frutas e criam galinhas de capoeira.

Marechal Cândido Rondon localiza-se na microrregião de Toledo, Extremo Oeste do Terceiro Planalto Paranaense. O município caracteriza-se pelo predomínio de pequenas propriedades e, grande parte dos camponeses, estão ligados a associações e ao cooperativismo. Os produtos cultivados com maior predomínio são a soja, o milho e a mandioca, hortaliças e frutas. Destaca-se, também, na incorporação do cultivo orgânico (consolidado, fato que poderá fomentar trocas de experiências e intercâmbios entre o CAPA – Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor – Núcleo Oeste e a Associação Central de Mini Produtores Rurais Evangélicos – ACEMPRE e o AMA Terra).

RESULTADO E DISCUSSÃO

No comparativo entre Marechal Cândido Rondon (Extremo Oeste do Paraná) e Gravatá (Agreste Pernambucano) foram estudadas as diferenças, semelhanças e complexidades internas das áreas destinadas para o estudo. A diversificação no uso da terra e as relações de trabalho podem ser observadas em Andrade (1973). O Agreste, basicamente, pecuário do século XVIII, tornou-se predominantemente agrícola nos séculos XIX e XX. A agricultura, com o

¹ O trabalho é original e inédito e não está sendo avaliado para publicação por outra revista ou evento.

² Pós-doutoranda em Geografia, professora do curso de Geografia da UNIOESTE - Campus de Marechal Cândido Rondon. Integrante do Laboratório e Grupo de Pesquisa GEMMA – Geografia, Mídia, Migrações e Ambiente e Linha de Pesquisa MMAPE – Mídia, Mediações, Ambiente e Práticas de Ensino. marlisch20@hotmail.com

avanço das condições técnicas, o aumento da densidade demográfica e a melhoria das estradas, que ligam a região às capitais do estado, bem como a maior divisão de propriedades foi cada vez mais se diversificando.

O contexto histórico e a percepção da transição entre a Mata e o Sertão, caracterizou e nomeou esta região intermediária de Agreste. Região com diversidade climática e exploração agrária diferenciada que assume complexos contornos políticos e sociais. Porém, ao propor este estudo comparativo, significa abrir espaço para aspectos sociais e culturais locais pouco atendidas pelos pesquisadores. Para Andrade (1973), o Nordeste tem sido pouco pesquisado por especialistas em ciências naturais e sociais, que tenham dialogado com os seus habitantes, enfim, procurando analisar e conhecer, com profundidade, as características e os problemas regionais.

Estabelecer interlocuções entre o Extremo Oeste do Paraná e o Agreste de Pernambuco, abre espaço para a inserção entre estudos efetuados e a socialização de experiências entre saberes populares locais acumulados. A valorização do vivido e a análise das técnicas produtivas revelam os bastidores das relações de trabalho.

Conforme Andrade (1995, p. 72), uma característica inicial do campesinato, no Agreste, era o isolamento que dificultava a comercialização dos excedentes produzidos na agricultura tradicional de mercado. Com o passar dos anos o desenvolvimento capitalista interferiu nas relações camponesas, com a introdução da modernização no campo. Portanto, “[...] a facilidade de acesso às informações, com o uso do rádio de pilha e da televisão, fez com que, certos hábitos e valores interioranos, se fossem deteriorando e passassem a desaparecer, influenciados pelos hábitos e costumes urbanos” (ANDRADE, 1995, p. 73).

Andrade (1995) dedica especial atenção ao estudo da vida cotidiana do camponês pernambucano, as tradições culturais vivenciadas no campo e a interferência dos programas de rádio e televisão nos costumes locais. Este aspecto, acima identificado por Andrade (1995), também, foi observado nas transformações das relações familiares no Extremo Oeste do Paraná. Os meios de comunicação exercem impacto capitalista e implicações à vida camponesa ao inserir o camponês no mercado. A penetração midiática no campo sobre as bases de meio que “informa” mostrou:

[...] os produtos comercializados nas cidades e o desejo de diversificar o seu consumo. Para adquirir estes produtos o camponês necessita obter dinheiro e, conseqüentemente, de produzir para a venda, levando-o a procurar expandir os produtos destinados à comercialização em detrimento dos de autoconsumo. (ANDRADE, 1995, p. 74)

A cooperativa dos agricultores de orgânicos – AMA TERRA, conta com o apoio de associações e pessoas físicas da Itália. A Associação envolve, aproximadamente, 52 famílias responsáveis pela produção de mais de duas toneladas de legumes, frutas e hortaliças sem a utilização de agrotóxicos. A maioria participa de feiras em Gravatá, Recife, Olinda e Caruaru e contam com o apoio da Prefeitura para o transporte dos seus produtos, produzindo em torno de trinta variedades de legumes, frutas e hortaliças.

A modernização agrícola, ocorrida na região Oeste do Paraná, teve como veículos de disseminação, os programas jornalísticos voltados para o “homem do campo”, produzindo e reproduzindo discursos favoráveis à utilização de instrumentos e técnicas modernizantes. Raffestin alerta para os conflitos de interesses presentes no cenário do poder, das redes e da comunicação, enfatizando que,

quem procura tomar o poder se apropria pouco a pouco das redes de circulação e de comunicação: controle dos eixos rodoviários e ferroviários, controle das redes de alimentação de energia, controle das centrais telefônicas, das estações de rádio e de televisão (RAFFESTIN, 1993, p. 213).

Os camponeses, de ambas as associações, apesar de serem negados, devido aos incentivos estatais insuficientes, continuam resistindo. Na Comunidade de São Severino, produzem para o autoconsumo e o restante das frutas e verduras é comercializado nas feiras. Os camponeses enfrentam dificuldades para retirar a colheita e transportá-la até as feiras. A característica turística de Gravatá e das cidades próximas torna-se um espaço aberto para comercialização dos produtos orgânicos sem atravessadores. Os associados destinam os produtos para venda sem o selo/certificação. A comercialização acontece através de laços de confiança, entre a comunidade e os consumidores, inclusive são estimuladas visitas às propriedades. A adoção da certificação ou não, esta sendo debatida. Na Comunidade de São Severino, a Secretaria de Agricultura de Gravatá destina um agrônomo que presta orientações à comunidade, saindo de Gravatá, de ônibus, até São Severino de Gravatá. O mesmo presta assistência a pé, caminhando entre vinte e cinco a trinta quilômetros por dia. Por ocasião das entrevistas, ele nos acompanhou neste percurso.

Os associados da Acempre, seguem um calendário para cultivar e entregar sua colheita, evitando o excesso da produção do mesmo produto. O terreno não é tão acidentado, facilitando a colheita. Os agricultores destinam os produtos para serem comercializados na Acempre, feira municipal, nas feiras realizadas nos bairros e sistematizaram um espaço para os seus produtos no principais supermercados do município. Ao longo dos anos, passaram a receber assistência técnica, através de profissionais capacitados e com perfil agroecológico. O CAPA, presta apoio técnico geral, inclusive articula a capacitação do camponês para aplicar homeopatia, mas este trabalho não é mais intenso pela carência de recursos. De modo que, para Vanderlinde (2002), a organização objetiva promover a união dos agricultores, visando à diversificação da produção e à comercialização, desenvolvendo tecnologias adequadas à preservação do meio ambiente.

CONCLUSÕES

Ambas as associações com avanços e recuos buscam alternativas para a permanência do camponês no campo. O trabalho desenvolvido faz frente às políticas que promovem a descapitalização do camponês e o ataque ao meio ambiente. Portanto, a perspectiva das associações fundamenta suas ações na disseminação de práticas alternativas, econômica e ecologicamente viáveis, em oposição ao modelo de desenvolvimento capitalista e o papel da extensão oficial, contrapondo-se aos 'pacotes' da modernização/especialização e a de dependência firmada pela integração do pequeno agricultor à agroindústria de alimentos. Os camponeses integrantes da Acempre receberam discursos produzidos por funcionários de instituições como: ACARPA/EMATER, Copagrill, Banco do Brasil e Prefeitura Municipal. Os mesmos eram direcionados aos agricultores através da Radio Difusora do Paraná. Os camponeses aderiram ao modelo, mas, ao longo dos anos, com as conseqüências socioeconômicas e ambientais, começaram a questioná-lo e, aos poucos, passaram a receber o contradiscurso, articulado pelos integrantes do CAPA. Por outro lado, em São Severino de Gravatá, segundo informações coletadas nas entrevistas, o contato com o cultivo de flores e o uso de venenos, foi estimulado pelas agropecuárias, mas um elevado número de camponeses já cultivava verduras e frutas sem o uso de agrotóxicos. O problema enfrentado pelos camponeses era a comercialização do excedente, o qual era direcionado para Centro de Abastecimento Alimentar de Pernambuco – CEASA/PE. Todavia, o valor recebido pelas hortaliças e frutas inviabilizava a sobrevivência do camponês e, neste contexto, são estabelecidas ações locais que eliminam o atravessador, estimulam o associativismo e contribuem com aspectos socioeconômicos, culturais e ambientais.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M.C. de. **A questão do território no Brasil**. São Paulo: HUCITEC; Recife: IPESPE, 1995.

ANDRADE, M.C. de. **A terra e o homem no nordeste**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1973.

FLEISCHFRESSER, V. **Modernização tecnológica da agricultura: contrastes regionais e diferenciação social no Paraná da década de 70**. Curitiba : Livraria Chain, 1988.

FUNDAÇÃO da Associação de São Severino anima produtores de orgânicos do município. 09 fev. 2009. Disponível em: <<http://www.prefeituradegravata.com.br/?pg=noticia&id=168>>. Acesso em: 01 mar. 2009

GUTERRES, I. **Agroecologia militante: contribuições de Enio Guterres**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

OLIVEIRA, A.U. de. **A agricultura camponesa no Brasil**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 1997.

OLIVEIRA, É.P.B. de. **A comercialização dos produtos da fruticultura, da floricultura e da horticultura no Brejo de Gravatá em Pernambuco**. 1999. 114f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

ORLANDI, E.P. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

RAFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RODRIGUES, M.de C.V. **Desenvolvimento local, turismo e lazer no Agreste Central de Pernambuco**. 2007. Tese (Doutorado em Ciências em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

VANDERLINDE, T. **Estratégias de vida: agricultura familiar e formas associativas: um estudo de caso – CAPA – núcleo oeste**. Niterói, 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói.